

Participar, enquanto médica, de um debate multidisciplinar sobre fracasso escolar significa analisar o tema sob a perspectiva da Ciência Médica. Significa falar das relações entre o processo saúde/doença (o objeto de estudo da Medicina) e o fracasso escolar, e, em decorrência, das contribuições possíveis da Medicina para a solução do fracasso escolar. Significa, então, falar dos mitos e realidades destas relações.

Existe, na verdade, um grande mito que se ramifica e se dissemina em várias direções: a crença de que questões de saúde são responsáveis, pelo menos em parte, pelo fracasso escolar. Aliás, falar em fracasso escolar talvez seja o maior mito, porém, deixo esta provocativa questão para os profissionais da Educação.

* Docente do Depto. de Pediatria da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP.

Os índices absurdos de evasão e reprovação na primeira série do 1º grau, imutáveis há mais de quarenta anos, são realidade, assim como é real a precária condição de saúde da população brasileira. Porém, a relação causal entre estes dois problemas, facilmente feita em qualquer sentido, de acordo com os interesses, é um grande mito que tem se mantido, e até mesmo sido reforçado, desde o século passado. Em síntese, as causas médicas do fracasso escolar não existem! Daí, a contribuição que a Medicina pode oferecer à área educacional é nenhuma! Estas colocações podem parecer exageradas, até radicais, porém, apenas revelam a realidade das relações entre saúde e aprendizagem. *Realidade que* tem sido escamoteada, deformada através de vários mecanismos. O fato de serem as mesmas crianças que têm problemas de saúde e que vão mal na escola é conseqüente à determinação comum de ambos os problemas: a política governamental para o setor social, reflexo do modelo de desenvolvimento imposto ao País. É óbvio que não se trata de afirmar, levemente, que não existem doenças que, ao interferirem nas atividades habituais de um indivíduo, interfiram também nas atividades intelectuais, incluída aqui a aprendizagem. O que se está afirmando é que antes de prejudicar a aprendizagem, compromete-se a própria freqüência à escola. Embora com problemas de saúde, a criança que está na escola não é uma "criança doente". É uma criança que sofre as conseqüências de condições agressivas, desumanas, sob qualquer ângulo que se analisa sua vida. E, logicamente, também a nível de saúde, como de escolarização. Os problemas de saúde desta faixa etária superpõem-se ao perfil de morbidade da população em geral: questões de origem basicamente social. Não é por acaso que esta é uma idade considerada, em todo o mundo, biologicamente tranqüila. Isto não significa que o escolar brasileiro tenha "boa saúde" ou que esteja bem assistido em termos médicos. Significa que não se pode pensar saúde e doença como estados estanques e absolutos, sem gradação, sem hierarquia, a nível puramente biológico, individual. Então, omito explicitado é que o escolar brasileiro sofre de doenças que não prejudicam suas atividades extra-escolares, ou, mais propriamente, extracurriculares. São crianças que andam (até a escola, inclusive), correm, brincam, riem, falam, contam estórias, aprendem tudo o que a vida lhes ensina e/ou exige. Mas que são portadoras de doenças extremamente caprichosas, que só se manifestam quando é hora de aprender a ler e a escrever. Aprendizagem, aliás, elementar para o ser humano. Entretanto, se não existem causas médicas reais para o fracasso escolar, o que se observa é a construção artificial destas causas. Construção de falsas relações entre "doença" e não-aprendizagem, ou, mais sofisticadamente, a própria construção de *entidades nosológicas*, agora denominadas "distúrbios", "disfunções" etc., porém sempre sem perder a conotação de doença biológica, centrada no indivíduo.

Ao mito corresponde a realidade inegável da medicalização da Educação, do espaço pedagógico e do próprio ambiente escolar. Trata-se de um grave problema educacional, de origem sócio-pedagógica como questão médica, tentando encontrar em cada criança, a nível individual, uma "doença" que justifique seu mau rendimento escolar. Desconsideram-se, ou mesmo omitem-se, os índices alarmantes de reprovação e o fato destes serem claramente determinados pela inserção social da família. Índices tão altos que por si só já indicam o caminho: a análise da instituição escolar, enquanto integrante do sistema sócio-político. Instituição e sistema que são preservados de críticas, isentos de responsabilidades, ao se centrar na criança, na família e/ou no professor a busca de causas e, supostamente, de soluções.

A esta visão funcionalista de sociedade corresponde um modelo positivista de Ciência, também na Medicina. Uma concepção médica que trata o processo saúde/doença como problema individual, buscando no próprio organismo biológico as causas da doença; uma concepção que coloca o social como mais uma variável a ser considerada, mas que o transforma em um social abstrato, imponderável, imutável; uma concepção que tem medicalizado as grandes questões sociais.

A esta Ciência Médica contrapõe-se outra, dialética, que trabalha o processo saúde/doença como determinado pelas condições de vida e pelo grupo social no qual o indivíduo se insere; que

analisa o social não como "uma variável", mas como o determinante real dos principais problemas de saúde da população, um social que é concreto, criado pelo homem e, portanto, é mutável; que, enfim, tem combatido a medicalização da sociedade. É esta a contribuição real que a Medicina pode oferecer à Educação a respeito deste assunto: a desmistificação de explicações simplistas e simplificadoras do fracasso escolar. Deve-se ressaltar que estas duas concepções de Ciência existem não apenas na Medicina, mas também na Educação, na Psicologia, na Sociologia, enfim, em todos os ramos do conhecimento.

Tentemos substituir os mitos pelo real.

Ao invés de discutir, por exemplo, a desnutrição como causa de mau rendimento escolar, em análises que banalizam e minimizam a própria desnutrição, tentemos analisá-la como problema social da maior gravidade e conseqüência do desrespeito a um direito fundamental do ser humano - o de não passar fome.

Se é mito a relação entre problemas de comportamento e fracasso escolar, é real o comportamento reativo das crianças a situações agressivas, cruéis, como as que ocorrem na escola de periferia.

Se os distúrbios de aprendizagem são mito, os distúrbios do processo ensino-aprendizagem são reais.

O mito do fracasso escolar como questão médica atua sobre a realidade distorcendo-a, deformando-a, criando a sua própria realidade; um real artificial e construído que, por sua vez, se transforma na "comprovação empírica e científica" do próprio mito. Fecha-se, assim, um raciocínio circular, viciado porque cego às suas próprias contradições e às evidências que o enfraquecem, ou mesmo o destroem. Um raciocínio que rapidamente evolui para uma espiral crescente, cada vez mais artificial e, ao mesmo tempo, mais sofisticada (porque necessário para se contrapor ao mundo real), que culmina na criação de uma Ciência. Ciência que, pela cooptação e apropriação de conhecimentos que têm outro referencial teórico e objetivos distintos, constrói seu próprio Estatuto de Ciência; e que tem servido ao sistema político vigente, construindo teorias, explicações fisiopatológicas, justificativas, enfim, que reforçam, legitimam cientificamente preconceitos e mitos. A começar pelo mito criado sobre o fracasso escolar.

BIBLIOGRAFIA

Cadernos CEDES. São Paulo, n.15, dez. 1985.

COLES, G. *The Learning mystique - a critical look at learning disabilities*. New York, Pantheon Books, 1987.

DONNANGELO, M.C.F. *Medicina e sociedade*. São Paulo, Pioneira, 1975.

SCHAFF, A. *História e verdade*. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1987.